Revista Diversidade e Educação

EPISTEMES EM CORPO-TEXTO: A FICÇÃO LÉSBICA-SAPATÃO NEGRA COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO NO CONTO “OS OLHOS VERDES DE ESMERALDA” DE MIRIAM ALVES

EPISTEMES EN EL CUERPO-TEXTO: LA FICCIÓN LESBIANA-TORTILLERA NEGRA COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO EN EL CUENTO «LOS OJOS VERDES DE ESMERALDA» DE MIRIAM ALVES

EPISTEMES IN BODY-TEXT: BLACK LESBIAN-DYKE FICTION AS A PEDAGOGICAL DEVICE IN MIRIAM ALVES’S SHORT STORY “THE GREEN EYES OF ESMERALDA”

Nathália Pereira Martins [1]

Mariane Nascimento dos Santos [2]

RESUMO

Considerando a relevância das discussões feministas lésbicas-sapatão, este artigo tem como objetivo analisar as representações sociais e as produções epistemológicas de corpos de lésbicas-sapatão negras na literatura contemporânea, a partir do corpo-texto *Os olhos verdes de Esmeralda* da autora Miriam Alves (2011). O conto, objeto de análise deste artigo, narra a história de duas jovens negras lésbicas que vivenciam violência sexual. Em movimentos pulsantes, seguimos o caminho teórico-metodológico com intelectuais como Clarke (1988), Saunders (2017), Gomes (2005, 2007), Cuti (2010), Jover-Faleiros (2019) e a 2° etapa do *I LesboCenso Nacional* (2024). A análise evidencia que o conto emerge como uma potente narrativa para discutir diversidade, sexualidade, identidade racial e de gênero, violências e crimes, além de constituir-se como um dispositivo pedagógico interdisciplinar para a criação de novos mundos, tensionando as epistemologias coloniais e heteronormativas. Desse modo, sensível e visceral, o corpo-texto de Miriam Alves tece poesia em linhas de fuga.

[1] Pós-graduanda no curso de Especialização em História da Bahia pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Graduada em Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia. Eunápolis, Bahia, Brasil. Ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais.

[2] Mestra em História pela Universidade Federal de Sergipe. Professora na Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura negra-brasileira. Ficção lésbica-sapatão. Interdisciplinaridade. Violência estrutural.

RESUMEN
Considerando la relevancia de los debates feministas sobre las lesbianas-tortillera, este artículo tiene como objetivo analizar las representaciones sociales y las producciones epistemológicas de los cuerpos de las lesbianas-tortillera negras en la literatura contemporánea, a partir de la obra *Los ojos verdes de Esmeralda*, de la autora Miriam Alves (2011). El relato, objeto de análisis de este artículo, narra la historia de dos jóvenes lesbianas negras que sufren violencia sexual. Con un enfoque dinámico, seguimos la línea teórico-metodológica de intelectuales como Clarke (1988), Saunders (2017), Gomes (2005, 2007), Cuti (2010), Jover-Faleiros (2019) y la 2ª etapa del *I LesboCenso Nacional* (2024). El análisis pone de manifiesto que el relato emerge como una narrativa potente para abordar la diversidad, la sexualidad, la identidad racial y de género, la violencia y los delitos, además de constituir un dispositivo pedagógico interdisciplinar para la creación de nuevos mundos, poniendo en tensión las epistemologías coloniales y heteronormativas. De este modo, sensible y visceral, el cuerpo-texto de Miriam Alves teje poesía en líneas de fuga.
PALABRAS-CLAVE: Literatura negra brasileña. Ficción lesbiana-tortillera. Interdisciplinariedad. Violencia estructural.

ABSTRACT
Considering the relevance of feminist discussions on black lesbians-dyke, this article aims to analyze the social representations and epistemological constructions of black lesbian-dyke bodies in contemporary literature, based on the text *The Green Eyes of Esmeralda* by Miriam Alves (2011). The short story, which is the subject of this article's analysis, tells the story of two young Black lesbians who experience sexual violence. In pulsating movements, we follow the theoretical-methodological path alongside intellectuals such as Clarke (1988), Saunders (2017), Gomes (2005, 2007), Cuti (2010), Jover-Faleiros (2019), and the 2° phase of the *I National LesboCensus* (2024). The analysis reveals that the short story emerges as a powerful narrative for discussing diversity, sexuality, racial and gender identity, violence, and crime, while also serving as an interdisciplinary pedagogical tool for creating new worlds, challenging colonial and heteronormative epistemologies. Thus, sensitive and visceral, Miriam Alves's body-text weaves poetry along lines of flight.
KEYWORDS: Black Brazilian literature. Lesbian-dyke fiction. Interdisciplinarity. Structural violence.

* * *

E quantas outras mortes
Nós vivemos diariamente
Fingindo
Que estamos vivas?
Audre Lorde

Introdução

Em um espaço-tempo marcado por disputas epistemológicas e relações de poder, a literatura brasileira é produto do meio social e espelho da própria sociedade. A partir de uma perspectiva decolonial e feminista lésbica interseccional, pensar a literatura lésbica-sapatão negra como dispositivo pedagógico interdisciplinar propõe deslocar o olhar para as diversas existências e formas de ensinar e produzir saberes. Ir contra a lógica social hegemônica, fundamentada em paradigmas eurocêntricos, heteronormativos e coloniais, é tensionar o “cânone” histórico-literário, representações sociais estereotipadas e abrir caminhos-mundos possíveis para práticas educacionais que atravessam ética, estética e política.

Este artigo tem como objetivo cartografar as representações, as produções epistemológicas e as complexidades presentes no conto *Os olhos verdes de Esmeralda*, da obra *Mulher Mat(r)iz,* de Miriam Alves. Em um movimento fluido, a literatura lésbica-sapatão negra se apresenta como epistemologia pulsante corporificada e como espaço-tempo fértil de invenção, resistência e reescrita. A escrita poética visceral de Miriam Alves inscreve corpos negros femininos humanizados, subjetividades, violências estruturais, à medida que destaca a pluralidade existente e a relação com o mundo. Para além de literatura de denúncia, a epistemologia poética da autora convoca para a libertação do ser e saber insurgentes.

Ao articular dimensões estéticas e políticas, propomos uma leitura crítica do conto, de forma que potencialize as possibilidades para uma pedagogia decolonial da literatura negra lésbica-sapatão. A partir de uma perspectiva interseccional, procuramos articular como tais narrativas contra hegemônicas podem ser utilizadas como dispositivo de deslocamento no contexto interdisciplinar, capazes de mobilizar debates críticos, e serem entendidas como espaços-tempos de criação, memória, epistemes, sentidos e mundos possíveis.

Este artigo organiza-se em três tópicos, sendo o primeiro a tratar da autora Miriam Alves, sua trajetória enquanto escritora negra e que produz uma literatura afro-brasileira, onde aborda conflitos e problemáticas sociais. O segundo item é uma análise crítica do conto *Os olhos verdes de Esmeralda,* apontando o momento auge da trama, o contexto das jovens protagonistas e os entrelaces da narrativa. Por fim, o terceiro ponto aborda as

questões pedagógicas, a relação da literatura e do ensino e a importância do conto ora analisado para realização de práticas pedagógicas.

"Descobri que o que eu fazia era literatura": Miriam Alves e sua escrita visceral

Miriam Aparecida Alves, escritora negra paulista nascida em 1952, é poeta, dramaturga, assistente social e professora. Integrante do coletivo *Quilombhoje Literatura* de 1980 a 1989, começou a publicar poemas nos *Cadernos Negros* em 1982, tem produções literárias em antologias nacionais e internacionais. Além de ter ministrado cursos de Literatura e Cultura Afro-brasileira, enquanto escritora visitante na Universidade do Novo México, em 2007.

Historicamente, o espaço-tempo literário fundamentado em paradigmas racistas, representa as personagens brancas em posição de poder, enquanto as negras são eliminadas, desumanizadas, tem a descendência embranquecida ou alcançam uma "evolução" ao se aproximar do ideal branco. Em contraste, a literatura negra-brasileira forma-se da população negra, ressaltando as subjetividades e complexidades, definindo as personagens negras por si mesmas e escorrendo pelas brechas para reestruturar as narrativas sobre corpos-territórios negros (Cuti, 2010).

Com ênfase na literatura negra feminina, a escrita visceral-orgânica de Miriam Alves parte de um lugar sociocultural de produção, é espelho das relações de poderes e raciais na sociedade brasileira, esculpindo personagens negras complexas e humanas, contrapondo a coisificação da população negra na produção cultural. Através da literatura negra-brasileira, autoras e autores utilizam a própria discriminação racial como temas das obras, questionando estereótipos sociorraciais, consequências e contradições, sendo essas estratégias para romper com o imaginário excludente e epistemologia colonial no mundo literário, à medida que demarcam um espaço com os corpos-textos (Cuti, 2010).

A poética epistêmica de Miriam Alves se insere nesse contexto, em uma relação íntima com a leitura-escrita desde a infância, criada no seio de uma família negra de leitores. Para ela, a escrita passou a ser uma forma de catarse ao externalizar sentimentos e contestar os porquês da infância. Em entrevista, a intelectual afirma: "Com o tempo, fui sonhando em ser escritora, descobri que o que eu fazia era literatura. Atualmente, escrevo porque não dá para não escrever. É algo que está em mim" (Miriam Alves, 2017, p. 290). Nessa fala, é perceptível como a literatura de Alves é vital e visceral, como quem escreve

com seus emaranhados internos, faz parte do próprio universo íntimo enquanto mulher negra.

Carregar a autoafirmação de ser uma escritora negra brasileira se consolida enquanto posicionamento político, reconhecendo o propósito político-cultural coletivo do movimento dos *Cadernos Negros*, um marco para questionar a literatura em 1978, enquanto território predominado pelo pensamento de ser-saber do escritor branco, classe média alta, heteronormativo e influenciado pelos paradigmas eurocêntricos. Na literatura negra, além dos relatos de vivência, os textos-corpos mobilizam todo um arcabouço complexo de narrativa, ao atravessar memórias, desejos, subjetividades e imaginação. Assim, a literatura negra-brasileira manifesta-se como o respiro de libertação e a necessidade de intelectuais negras e negros serem autores e sujeitos autônomos da história (Alves, 2017).

Na escrita de Miriam Alves, os corpos negros são humanizados, contrapondo uma narrativa histórica de objetificação e outras violências, bases para a própria formação do Brasil, atravessada por processos de colonização, genocídios, escravização e repressão. Para a autora, a contemporaneidade proporcionou uma maior visibilidade para crimes e práticas violentas com o suporte das mídias e tecnologias, enquanto os mitos de "democracia racial" e "cordialidade brasileira" mascararam a estrutura racista da sociedade brasileira. Dessa forma, o corpo-texto político e sociocultural, estrutura-se como espaço de disputa, pertencimento, sentido e libertação do ser e saber (Alves, 2017).

Nesse contexto, em uma perspectiva de cartografia lésbica-sapatão negra, Elisabeth Silva (2020) aponta que o corpo é o primeiro território a ser violentado pelo racismo e neocolonialismo, na tentativa de comprometer as subjetividades e materialidades dos povos colonizados. Contudo, é também a partir do corpo que se constitui um espaço de criação e reinscrição no mundo, por meio de performances plurais e saberes textualizados, à medida que tensiona e ressignifica narrativas sobre os nossos corpos-vozes pulsantes.

Em notas da autora na obra *Mulher Mat(r)iz*, Miriam Alves (2011) destaca que o livro é um emaranhado de produções publicadas ao longo de 23 anos de trabalho, grande parte presente nos Cadernos Negros desde 1983. Em geral, os contos abordam as ramificações do universo das mulheres negras-brasileiras e suas complexidades. Nessa linha, a autora fez um compilado de textos, dentre eles está *Os Olhos Verdes de Esmeralda*, o qual foi rejeitado na seleção dos Cadernos Negros, com a solicitação de

mudança de título, coisa que a autora se recusou a fazer, "[...] por considerá-lo intrinsecamente ligado a construção temática e ficcional" (Alves, 2011, p. 21).

A partir desses movimentos, a autora e seu lugar de produção evidenciam o espaço-tempo literário como disputa estética, política e epistemológica. A escrita é insurgente, ferramenta de resistência, manutenção de uma memória corporificada e transformação sociocultural. Miriam Alves tensiona as estruturas racistas e misóginas ao reafirmar a intelectualidade negra como produtora autônoma de conhecimento e reescreve as narrativas em voltas de corpos e vivências de mulheres negras brasileiras, abrindo possibilidades de mundos possíveis e percorrendo as complexas pluralidades dessas personagens.

Corpo de Delito: *Os olhos verdes de Esmeralda* e suas travessias

Entre prosas e sensações que nos provoca a obra *Mulher Mat(r)iz*, chegamos ao *Os olhos verdes de Esmeralda*. Um corpo-texto sensível, com diversas camadas, entre dores e delícias, que atravessam de forma interseccional as questões de raça, sexualidade, gênero e classe social, destacando principalmente as violências estruturais da sociedade heteronormativa e racista que atingem nossos corpos.

O conto traz a narrativa de duas jovens negras lésbicas que sofrem violência sexual, física e psicológica por três policiais. A motivação direta: serem negras e lésbicas. No entanto, é possível elencar o que está na estrutura da trama até se chegar ao clímax do lesbo-ódio racista.

As duas jovens, Marina e Esmeralda, se conheceram na festa de calouros da Universidade. Aproximaram-se naquela noite e ao longo da vida. Questões socioeconômicas as uniram e foram morar juntas. Após um ano, a amizade transformou-se em um amor recíproco, inevitável e discreto, aconteceu acontecendo e continuou mesmo após se formarem. Após a conclusão da universidade, seguiram juntas, sem que as famílias desconfiassem, mantendo a aparência de uma amizade inseparável. Não moravam mais juntas, em razão da discrição, e, por isso, inventavam sempre viagens para matar a saudade.

Em uma noite, após uma reunião de família, Esmeralda dirigia quando uma viatura policial passou a segui-las, sinalizava para que o carro encostasse: "Distração ou instinto, segurou a mão de Marina, acariciando-lhe a perna com carinho protetor" (Alves, 2011, p.

65), tirando a mão rapidamente quando o sargento percebeu. A onda de violência policial inicia quando o homem as aborda de forma brusca e intimidadora. O policial alto, branco e gordo, perguntava-se: "Por que ele não conseguia pegar mulher? Estas duas sapatas filhas da puta ali na sua frente. Não eram feias, apesar de negras" (Alves, 2011, p. 65). Em um complexo de inveja, disseminava ódio, para disfarçar sua insegurança e ego ferido, contra mulheres lésbicas-sapatão e pessoas negras, pois sempre estavam na companhia de mulheres, uma "regalia" que não o tinha.

Mesmo sem irregularidades, o sargento as retirou do veículo sob violências verbais, que denunciavam um futuro doloroso, enquanto as tentativas de resposta de Esmeralda eram silenciadas. O estupro corretivo-coletivo ocorreu no camburão. Sem álibi ou provas para qualquer tentativa futura de denúncia, Esmeralda foi espancada e estuprada pelo policial que berrava: "Não gosta de homem, não é? Vou fazer você gostar! Nunca conheceu um, não é…? Você vai sentir o que é bom!" (Alves, 2011, p. 65). Esmeralda foi violentada, enquanto Marina, imobilizada pelos outros dois policiais, assistia.

O sargento prenunciava mais violência corretiva: "Veja o que um homem faz com uma mulher. Sapata de merda! Chore não, vai chegar sua vez" (Alves, 2011, p. 66). Os policiais revezaram entre si. Marina era imobilizada pelo sargento e dominada pela revolta-dor, ela "pensou em matar, morrer, gritar, mas nada podia fazer, só sofrer" (Alves, 2011, p. 66). Fizeram o mesmo com Marina, enquanto Esmeralda assistia, quase desmaiada. Os policiais foram embora satisfeitos e o sargento gritava: "Suas negras nojentas, sapatas filhas da puta, não gostaram? Vão reclamar no inferno!" (Alves, 2011, p. 66).

Anestesiadas pela dor, trauma e ódio, os sentimentos partilhados em silêncio, as duas permaneciam na avenida abraçadas enquanto amanhecia o dia: "Um processo correndo sem testemunhas, o vexame do corpo de delito e… A vida continua" (Alves, 2011, p. 66).

A partir do conto, percebemos que, mesmo discretas, Esmeralda e Marina rompem com a heterossexualidade e aceitam a potência de uma relação lésbica mútua e cooperativa, a lesbianidade se insere como um despertar e ato de libertação durante a amizade. Contudo, ambas permanecem em segredo das famílias e da sociedade, a fim de evitar constrangimentos e rejeição, enquanto as trocas afetivo-sexuais públicas entre os casais heterossexuais são normalizadas. Esse silêncio é violência imposta pela

heteronormatividade. Como afirma Cheryl Clarke (1988), ser lésbica é um ato de resistência, independente da forma que for vivida, em uma sociedade capitalista, racista e heteropatriarcal, no momento que se recusa a lógica da dominação masculina e reivindica a própria autonomia. Para lésbicas-sapatão negras, a realidade é marcada pelo sexismo e pela lesbofobia agravados pelo racismo estrutural. Sem desfrutar dos privilégios da branquitude ou da masculinidade, há o enfrentamento de múltiplas opressões, sem hierarquias (Clarke, 1988).

A intimidade narrada que Esmeralda e Marina compartilham é vital e poética-erótica, apesar de reprimida em público. Elas compartilham o gozo de uma vida de partilha mútua, no sentido físico, emocional, psíquico e intelectual. Nesse sentido, o erótico é conexão e rebeldia à própria submissão heterossexual colonialista, onde as existências lésbicas-sapatão, principalmente negras, passam a ser um espaço-tempo possível, ou seja, poder político e autoafirmação (Audre Lorde, 2019).

Tanya Saunders (2017) evidencia como a existência da sapatão tensiona a lógica de "ser mulher" ou "ser humano" na instituição heteronormativa. Ao compreender o racismo, o sexismo e a lesbofobia como heranças coloniais, a partir de lentes epistemológicas negra sapatão enquanto práxis libertárias, conseguimos analisar como essas opressões continuam enraizadas no Estado, na cultura e na desigualdade socio-material racializada. Com a autonomia erótica, tensionando a ideia de cidadania ideal e controle dos corpos, surge a construção de uma "perversão sexual" como mecanismo normativo de contenção. Assim, as lésbicas-sapatão negras são desumanizadas e tratadas como ameaças à norma dominante do ser e saber (Saunders, 2017).

É notório que o sargento, ao perceber que se trata de um casal de mulheres, as joga imediatamente a um lugar social masculino como chacota, direcionando a elas como "boyzinho" ou "machos", além de afirmar o que seria um homem "de verdade", ao colocar a virilidade e falo como centralidades e elementos poderosos o suficiente para corrigir o "desvio sexual".

O estupro não pode ser entendido como um desejo sexual incontrolável, mas fundado diretamente no exercício de poder e dominação masculina neocolonialista, cometido por homens como "normais" nos padrões sociais. As mulheres negras fazem parte, de forma desproporcional, da porcentagem de sobreviventes ao abuso sexual. Essas violências possuem raízes históricas, visto que os corpos de mulheres negras eram

considerados como desumanizados e disponíveis a qualquer momento para os senhores e seus substitutos durante o período colonial (Angela Davis, 2017).

Nesse contexto, a violência parte dos policiais brancos. Agentes oficialmente responsáveis pela segurança da sociedade - inclusive de estupradores e criminosos mascarados de "cidadãos de bem" - esses oficiais, no conto, atingirem o nível máximo da ironia ao se tornarem autores da violência que deveriam reprimir. Um crime oficial contra as mulheres negras sob "custódia" (Davis, 2017). No conto, há o agravante de estupro corretivo-coletivo pelos policiais, abuso de autoridade no exercício da lei, motivado pelo ódio-inveja contra sapatão e pessoas negras. É através do abuso sexual, psicológico e físico que o homem branco exerce a vingança, ao usurpá-las a dignidade e as subalternizar, reivindicando um passado colonial (Marcelo Aragão Júnior, 2020).

Como destaca Cuti (2010), o complexo de superioridade branca é alimentado pela identidade ligada aos descendentes de imigrantes, pais ou avós, como se fossem os próprios estrangeiros. Tal identidade é exercida contra "o outro" pertencentes aos povos considerados "inferiores". Para além do ódio-inveja, há a vergonha que o branco brasileiro sente quando o Brasil é representado por personalidades negras, principalmente no esporte e na música. O intelectual também destaca o "complexo de vira-latas", sustentada pelo conflito da identidade nacional, a qual afeta grande parte da população brasileira e, em uma sociedade capitalista, classista e competitiva, "a discriminação racial surge como arma de ataque contra os negros na luta por dinheiro e prestígio" (Cuti, 2010, p. 12).

A inveja racial se insere mais uma vez, quando o sargento tenta usurpar os olhos de Esmeralda, os sugando, ou quando afirmam que as duas "não eram feias, apesar de negras". Aqui, o conceito de beleza é associado a uma lógica eurocêntrica branca, o que seria o padrão estético dominante e enquanto a negritude seria a ausência de beleza. Consequentemente, o pensamento racista nega a possibilidade de características associadas ao fenótipo europeu em pessoas negras, como os olhos claros, a deslegitimando a negritude. Contudo, em um paradoxo, na mesma medida que ridiculariza e objetifica corpos negros, ainda procura meios de se apropriar de elementos socioculturais, à medida que se distancia da sua origem (Aragão Júnior, 2020).

De acordo com a 2° etapa do *I LesboCenso Nacional* (Grazielle Tagliamento; Dayana Brunetto; Raquel Almeida, 2024), o Estado brasileiro segue negligenciando demandas históricas de lésbicas e sapatão, especialmente na ausência de direitos, dados e

políticas públicas, devido a lesbofobia institucional. Nesse contexto, o conto denuncia o estupro corretivo-coletivo como mecanismo de controle, virilidade e tentativa de correção da sexualidade dissidente, violência frequentemente utilizada contra mulheres lésbicas e sapatão, como "retomada" de domesticação patriarcal desses corpos rebeldes.

Com as diversas formas de violências cotidianas atravessadas por fatores sociais e estruturais, a saúde mental das vítimas é afetada, principalmente pela falta de políticas públicas e redes de apoio especializadas (Tagliamento; Brunetto; Almeida, 2024). É notória a carga traumática para as vítimas, imobilizadas pela dor psicológica e pela força física dos agressores, não só durante o momento de horror, mas ao longo da vida. O processo de denúncia e realização do exame de corpo de delito causam vergonha, constrangimento e sua voz como única testemunha por vezes são colocadas em dúvida por autoridades institucionais. Além da culpa que pousa nos pensamentos de "horário", "local", "vestimentas", "comportamentos", a própria existência e a falta de legitimidade da voz violentada. Qual palavra seria levada em consideração?

Esmeralda e Marina são espaços-tempos pulsantes que perturbam a ordem heteropatriarcal racista e rompem com a dominação-submissão, em uma relação de cumplicidade e horizontalidade. A literatura de denúncia de Míriam Alves percorre por esse lugar do corpo, ou melhor, o corpo-objeto enquanto espaço violado e jogado a um não-lugar (a lésbica negra), na tentativa de demarcar quem é humano e exerce o poder sobre o outro (o homem branco, policial e burguês).

Entre dores e delícias, a escrita de Miriam Alves surge como catarse, ao potencializar as vivências e escancarar, de forma crua, as violências diárias que desumanizam os corpos-territórios de mulheres negras lésbicas-sapatão, resgatando raivas interiores. Segundo Audre Lorde (2019), a raiva externalizada e mobilizada conscientemente é energia política e impulsionadora para a transformação social. É a partir da construção coletiva que podemos nos definir por nós mesmas e transformar o mundo em um espaço-tempo seguro, "[...] onde todas as nossas irmãs possam crescer, onde todas as crianças possam amar e onde o poder de tocar e conhecer as diferenças e as maravilhas de outra mulher irá, mais um dia, menos um dia, transcender a necessidade de destruição" (Lorde, 2019, p. 170).

Nesse sentido, é preciso enfatizar a importância da literatura como dispositivo pedagógico de ruptura e de enfrentamentos da repressão sobre corpos negros lésbicos, assim como dar voz às diversas existências lésbicas-sapatão. Em linhas emaranhadas, o

corpo-texto *Os olhos verdes de Esmeralda* é abertura para mundos possíveis e intervenção, ao trazer vivências marginalizadas ao centro e evidenciar um espaço de disputa histórico-política, onde corpos dissidentes seguem resistindo e (re)existindo diante de epistemologias coloniais e heteronormativas.

A literatura lésbica-sapatão negra como dispositivo pedagógico interdisciplinar

A pedagoga, intelectual e escritora Nilma Lino Gomes (2005) nas suas discussões sobre Educação e diversidade, e educação antirracista, defende que um dos desafios da educação escolar é discutir sobre as relações raciais, a sexualidade, a cultura, a ética. Para a autora, se tratando da realidade da educação brasileira onde a escola é composta por diferentes sujeitos, as questões étnico raciais estão diretamente atreladas a uma construção histórica, social e cultural.

Para Gomes, "A diversidade é um componente do desenvolvimento biológico e cultural da humanidade. Ela se faz presente na produção de práticas, saberes, valores, linguagens, técnicas artísticas, científicas, representações do mundo, experiências de sociabilidade e de aprendizagem" (2007, p. 18). Sendo assim, a diversidade atravessa tempos e espaços diferentes, se estabelece como fenômeno que compõe os contextos e espaços sociais. A escola, enquanto instituição social formal de educação, precisa caminhar em direção não à hierarquização das diferenças, mas sim à valorização das múltiplas identidades. Para tanto, faz-se necessário olhar os diferentes processos de construção das identidades brasileiras, as desigualdades e lutas sociais.

A proposta de novas linguagens na educação escolar vem acontecendo desde os anos 70, métodos e técnicas foram sendo agregadas e adequado as diferentes realidades. Essas mudanças intensificam com as reformas curriculares na década de 90. Na contemporaneidade as propostas curriculares se reorganizaram inclusive entendendo a atual demanda no uso das novas tecnologias. A relação entre a Literatura e o Ensino não é nova e se estabelece a partir de inúmeras discussões, inclusive do que deve ou não ser considerado literatura para o contexto escolar (Circe Bittencourt, 2011).

A autora Rita Jover-Faleiros que discute sobre a relação literatura e educação, aponta sobre os sentidos da literatura enquanto objeto de ensino e da/o estudante enquanto a/o leitora/leitor desse objeto. Quando objeto, a literatura é utilizada meramente para fins didático, segundo a autora "ao transformar o texto literário em um objeto de ensino, a

escola não o contemplaria como um espaço de prazer e de evasão, tampouco como um espaço de experiência de subjetividade e também de alteridade." (Jover-Faleiros, 2019, p. 5). Nesse processo há um distanciamento no objetivo de construir da/o leitora/leitor. A utilização da literatura no espaço escolar precisa transcender o lugar conteudista e ocupar lugar do prazer, quando a aluna-leitora/aluno-leitor de alguma forma percebe sentido e significado no texto.

Para Jover-Faleiros, a literatura enquanto objeto de ensino e aprendizagem pode mobilizar saberes, socialização e reflexões sobre a estética literária. Esse fenômeno envolve diferentes atores, diretamente ligados ao sistema de ensino e atores sociais como os literários. As instituições públicas de ensino precisam dispor das literaturas, aos educadores, cabem olhar para esses textos de forma interdisciplinar e inseri-los nos planejamentos de forma estratégica e criteriosa, possibilitando a aluna-leitora/aluno-leitor experiências distintas de leitura (Jover-Faleiros, 2019).

As interfaces entre o campo da literatura e da educação são muitas, tocando inclusive em questões ideológicas e epistemológicas. As áreas de conhecimento das humanidades e linguagens exploram de diferentes formas o objeto literário, e ela, a literatura, também se constitui enquanto campo teórico. A pretensão desse estudo é pensar a literatura de Miriam Alves como vetor trans/interdisciplinar onde gênero, raça e sexualidade são marcadores da narrativa no conto *Os olhos verdes de Esmeralda*.

O trabalho desenvolvido pela escola ao tratar das questões raciais tem o amparo legal da Lei 10.639/03 de incontestável importância social principalmente por ser fruto da luta e reinvindicação do Movimento Negro, porém, está em si não garante que as práticas pedagógicas terão novos contornos. É nessa perspectiva que a lei deve estar alinhada aos documentos normativos da educação como a BNCC e as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico Raciais, onde juntas possibilita o trabalho com temas desafiadores e complexo para sociedade contemporânea através dos Temas Transversais. Para Gomes (2005), o silêncio torna-se uma forma de negação da realidade, manutenção das desigualdades raciais. O não posicionamento, a não problematização dessas questões, é por vezes uma forma de evitar o confronto, nesse sentido a escola pode estar reforçando estruturas discriminatórias já existentes. A autora destaca que:

> Na escola, no currículo e na sala de aula, convivem de maneira tensa valores, ideologias, símbolos, interpretações, vivências e preconceitos. Nesse contexto, a discriminação racial se faz presente como fator de

> seletividade na instituição escolar e o silêncio é um dos rituais pedagógicos por meio do qual ela se expressa. Não se pode confundir esse silêncio com o desconhecimento sobre o assunto ou a sua invisibilidade (Gomes, 2005, p. 104).

Na contemporaneidade, temos enfrentado a força reacionária e regressiva em todos os âmbitos, mas principalmente nos espaços educacionais, na tentativa de sufocar as teorias críticas e inclusivas. O discurso neoconservador reage de forma contrária ao multiculturalismo, sob a alegação de ameaça da identidade nacional e enfraquecimento do cânone literário, ao descentralizar o protagonismo dos homens brancos da elite e visibilizar grupos marginalizados étnico-raciais, da classe trabalhadora e de sexualidade dissidente (Gloria Anzaldúa, 2021).

De forma certeira, Anzaldúa (2021) argumenta que o multiculturalismo se articula como enfrentamento as estruturas de poder dominantes, narrativas oficiais do Estado e denuncia as violências, como mecanismo do colonialismo e imperialismo, contrapondo a ideia de uma nação monocultural. Nesse contexto, articular as lutas anticoloniais e a reivindicação da própria vivência como o caminho para o enfrentamento do poder hegemônico através da linguagem, da literatura e dos espaços institucionais para a transformação de práticas pedagógicas que representem e assegurem estudantes de diversos grupos étnico-raciais, lésbicas e gays das violências racistas e heterossexistas (Anzaldúa, 2021).

Os Temas Transversais, proposto em 1996 a partir do Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e reelaborados em 2017 pela BNCC, alterando inclusive sua nomenclatura para Temas Contemporâneos Transversais, tem por objetivo tratar de assuntos contextualizados com a realidade discente e que serão relevantes para sua formação enquanto cidadão. Dos eixos temáticos propostos pelos TCT’s é o Multiculturalismo onde há uma indicação para o tema “Diversidade cultural; Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras”, ou seja, o tema relações étnico raciais tem um lugar para ser problematizado dentro do eixo da Diversidade. No entanto, há uma ausência no que diz respeito a discussão de gênero, que é suprimido nos TCT’s e na BNCC, apesar de ser este um tema que atravessa a sociedade brasileira em diferentes circunstâncias. Tratar de temas como Identidade de gênero e orientação sexual no âmbito da diversidade humana e dos direitos universais torna-se uma alternativa de amparo legal, dentro dos documentos referenciais, porém

essas talvez não sejam suficientes para fazer com que os profissionais da educação mobilizem tais saberes em suas salas de aula (BRASIL, 2019).

O objeto literário tem muito a oferecer ao ensino, especialmente a aluna-leitora/aluno-leitor. Para que seu potencial seja plenamente explorado, faz-se necessária uma abordagem interdisciplinar, conforme indicam os pressupostos dos Temas Transversais (Brasil, 2019). Nesse sentido, a interdisciplinaridade configura-se como um princípio fundamental da educação contemporânea, como afirma Ivani Fazenda (1994), esta é a palavra de ordem no final do século XX no campo educacional.

Apesar do conceito de Interdisciplinaridade não ser uniforme, a professora Ivani Fazenda especialista no tema traz um enfoque pedagógico para essa concepção e alguns aspectos a serem considerados. Para a autora a proposta de um ensino interdisciplinar exige integração de toda comunidade escolar, o que inclui professoras/es, alunas/os, gestão e demais sujeitos que compõe esse núcleo de forma direta ou indireta. Observa-se que Fazenda não restringe a integração na interdisciplinaridade apenas as disciplinas escolares, mas também aos sujeitos, metodologias, concepções teóricas, referências, conhecimento e informações. Ou seja, a perspectiva interdisciplinar visa a superação da fragmentação disciplinar, o reconhecimento de cada área seus limites e possibilidades, e o diálogo integrativo entre as disciplinas com o objetivo da construção do conhecimento e a valorização da diversidade dos saberes (Fazenda, 1994).

Desta forma, o conto *Os olhos verdes de Esmeralda* é uma produção da literatura afro-brasileira contemporânea que pode ser utilizado como dispositivo pedagógico e eixo articulador em uma perspectiva interdisciplinar, pois aborda diferentes temas que envolve questões sociais, política, raciais e de gênero, a partir da narrativa de duas jovens negras e lésbicas. Tendo como ponto de partida esses grandes temas é possível elencar outros subtemas como: sexualidade, lesbofobia, negritude, racismo, racismo institucional, violência de gênero, dentre outros. Essas discussões fazem parte do cotidiano da sociedade brasileira, logo perpassam as vidas nas comunidades escolares, por isso precisam ser abordadas para superação de estruturas e construção de uma sociedade composta por cidadãos que vivem de forma respeitosa em sua diversidade.

Como proposta pedagógica, o conto de Miriam Alves pode ser mobilizado em práticas interdisciplinares entre as disciplinas de Artes e Língua Portuguesa, por meio da produção de histórias em quadrinhos e de performances, compreendendo a linguagem como um dispositivo de denúncia e de enfrentamento das violências. A disciplina de

História pode explorar as discussões sociais presentes no conto, como identidade racial, de gênero e sexualidade, bem como as continuidades das estruturas coloniais. As disciplinas de Sociologia, Filosofia e Matemática podem promover rodas de conversa sobre as violências e desigualdades estruturais como o racismo, a lesbofobia e a misoginia na sociedade contemporânea, apontando, inclusive, dados estatísticos, informações divulgadas pelos veículos de comunicação e pesquisas como o *LesboCenso Nacional.* A disciplina de Literatura pode propor a escuta do conto por meio de métodos de contação de histórias com análise da linguagem e, posteriormente, a sua reescrita, na qual cada aluna/o abrace sua autonomia autoral, estimulando novas possibilidades e desfechos.

A partir da literatura, janelas são abertas para diferentes mundos, onde as/os estudantes podem contemplar e até se reconhecer nas paisagens. Se tratando da literatura de Miriam Alves, a linguagem acessível viabiliza um diálogo direto com o leitor ainda que este não tenha um repertório literário vasto. Nesse ponto, a seleção realizada pela/o docente, de qual literatura utilizar, precisa ser atenta e cuidadosa, pois esta fará total diferença na adesão ou não das/os estudantes. Pensar o público-alvo, idade, contexto social, assuntos de interesse. Estabelecer o objetivo na utilização de determinada literatura. E a organização dos procedimentos metodológicos onde fique evidente as ações do fazer. São todos esses parte dos cuidados metodológicos indispensáveis para o bom desenvolvimento de práticas pedagógicas (Bittencourt, 2011).

Considerações Finais

Nas tramas literárias hegemônicas, as personagens lésbicas também são banhadas pelo esquecimento e representações estereotipadas, principalmente quando produzidas por homens brancos, é notória a falta de representatividade. Quando as lésbicas-sapatão aparecem, elas são transmutadas para a abstração, estando silenciadas, eliminadas e exiladas nas lacunas, diferente do homem homossexual, mais palpável e corporificado (Castle, 1993 *apud* Laura Arnés, 2018). Tal invisibilidade pode ser entendida como estratégia de representação, visto que a centralidade do olhar e a construção de sentidos são afetados pelas relações de poder heteronormativas e racistas (Arnés, 2018).

Ao pensar a literatura protagonizando autoras e personagens lésbicas-sapatão negras, as entendemos como produtoras de saber, desejos, tempo-espaço não-linear e sentidos socioculturais e políticos, onde se é possível abrir caminhos para reinscrever

corpos e vivências apagadas na história e no mundo (Arnés, 2018), a partir de uma análise crítica das opressões de forma interseccional.

Ao transitar pelas travessias de *Os olhos verdes de Esmeralda*, somos atingidas pela lesbofobia institucional, o lesbo-ódio, a misoginia e o racismo estrutural, mas também os afetos, a poética e a potência da escrita como reinvenção. A literatura sensível de Miriam Alves, ao apresentar protagonistas mulheres negras lésbicas-sapatão, inaugura fissuras no silêncio imposto para que possibilidades e sentidos de vida possam escorrer. Visceral e brutal, o conto é abertura de caminhos que nos faz deslocar o olhar e produzir mundos possíveis, tensionando a colonialidade do ser e saber, legitimando a produção de saber a partir de corpos historicamente marginalizados. Nesse movimento fluido, as epistemologias lésbicas-sapatão negras configuram-se enquanto espaços-tempos vivos, pulsantes e políticos.

Para um futuro comprometido com práticas educativas em perspectivas decoloniais e libertárias, as narrativas literárias lésbicas-sapatão negras podem ser mobilizadas e utilizadas como dispositivos pedagógicos centrais, à medida que tensiona as normativas curriculares hegemônicas e o apagamento sistemático no cânone histórico-literário branco heteronormativo. Para além de objeto pedagógico, o conto é corpo-texto que impulsiona as produções de saber, respiro, linhas de fuga e resistência no campo educacional. Portanto, ao tecer arte literária e educação, percorremos travessias onde os saberes são validados nas diferentes modalidades de ensino, abrindo espaços para transformação social e epistêmica.

Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Lei Federal nº 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Temas contemporâneos transversais na BNCC - Proposta de Práticas de Implementação, 2019. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Básica/ Diretoria de Políticas e Regulação da Educação Básica/ Coordenação-Geral de Temas Transversais da Educação Básica e Integral/ Coordenação-Geral de Inovação e Integração com o Trabalho.

ALVES, Miriam. Os olhos verdes de Esmeralda. *In*: ALVES, Miriam. *Mulher mat(r)iz*: prosas de Miriam Alves. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. p. 62-66.

ALVES, Miriam. "Escrevo porque não dá para não escrever": entrevista com Miriam Alves. Entrevista cedida a Graziele Frederico, Lúcia Tormin Mollo e Paula Queiroz Dutra. estudos de literatura brasileira contemporânea, Brasília, n. 51, p. 289-294, maio/ago. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/elbc/a/XsJtLTDFzznjgTPTwZcDQvD/?format=html&lang=pt. Acesso em: 28 mar. 2026.

ANZALDÚA, Gloria. *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

ARAGÃO JÚNIOR, Marcelo Felinto de. No cruzamento das avenidas identitárias: uma análise interseccional de contos das escritoras Conceição Evaristo e Miriam Alves. 2020. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras). João Pessoa: Universidade Federal da Bahia, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17607/1/MFAJ20032020.pdf. Acesso em: 29 mar. 2026.

ARNÉS, Laura A. Ficções lésbicas: ponto de vista e contingências. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n° 20, 2018. p. 169-191. Disponível em: https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/145408/139447. Acesso em: 29 mar. 2026.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História*: fundamentos e métodos. 2ª ed. São Paulo Cortez, 2011.

CLARKE, Cheryl. Lesbianism: an act of resistance. *In*: MORAGA, Cherríe L; ANZALDÚA, Gloria R. *This Bridge Called my Back:* writings by radical women of color. Berkeley: Third Woman Press, 1988.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FAZENDA, Ivani A. *Interdisciplinaridade:* História, teoria e Pesquisa. São Paulo: Papirus, 1994.

DAVIS, Angela. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017.

JOVER-FALEIROS, Rita. O que se ensina quando se ensina literatura? Considerações sobre a constituição de um objeto. estud. lit. bras. contemp., Brasília, n. 57, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LORDE, Audre. Precisar: um coro para vozes de Mulheres Negras. *In*: LORDE, Audre. *Entre nós mesmas:* poemas reunidos. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 197-209.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. *In*: MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola.* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, Nilma Lino. *Indagações sobre currículo:* diversidade e currículo; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

SAUNDERS, Tanya L. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. *Periódicus – Revista de estudos indisciplinares em gêneros e sexualidades,* Salvador, n. 7, v. 1, maio-out. 2017. p. 102-116. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/22275/14304. Acesso em: 01 dez. 2025.

SILVA, Elisabete Costa. Geografias negro-lésbicas em Cidinha da Silva. *Brasil/Brazil - Revista de Literatura Brasileira*, Rio Grande do Sul, n. 61, v. 33, 2020. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/brasilbrazil/article/view/103526/57119. Acesso em: 5 set. 2025.

TAGLIAMENTO, Grazielle; BRUNETTO, Dayana; ALMEIDA, Raquel (coord.). *I LesboCenso Nacional:* mapeamento de vivências lésbicas no Brasil. Relatório descritivo - 2ª etapa, 2024. Curitiba: LBL/UFPR, 2024. Disponível em: https://lesbocenso.com.br/relatorio-segunda-etapa. Acesso em: 29 mar. 2026.

Recebido em abril de 2026.

Aprovado em julho de 2026.